

NARRENTURM

NARRENTURM



ANDRZEJ SAPKOWSKI

Tradução
Olga Bagińska-Shinzato



*wmf*martinsfontes

*Esta obra foi publicada originalmente em polonês com o título NARRENTURM.
Copyright © 2002, Andrzej Sapkowski
Publicado por acordo com a agência literária Agence de l'Est.
Copyright © 2022, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

*Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte,
nem armazenado em sistemas eletrônicos recuperáveis, nem transmitido por nenhuma forma
ou meio eletrônico, mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do Editor.*

1ª edição 2022

Tradução

OLGA BAGIŃSKA-SHINZATO

Acompanhamento editorial

Richard Sanches

Preparação de texto

Richard Sanches

Revisões

Kandy Saraiva

Patricia Cordeiro

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Renato Carbone

Capa

Gisleine Scandiuzzi

Imagem de capa

*O triunfo da morte, por Pieter Bruegel, o Velho (c.1525-1569), óleo sobre
painel, 1562-63. Science History Images / Alamy Stock Photo.*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sapkowski, Andrzej
Narrenturm / Andrzej Sapkowski ; tradução Olga Bagińska-
Shinzato. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2022.

Título original: *Narrenturm.*

ISBN 978-85-469-0355-9

1. Ficção polonesa I. Título.

22-97955

CDD-891.853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura polonesa 891.853

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293-8150 e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br

<http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

O fim do mundo não chegou no ano de 1420 de Nosso Senhor, embora não faltassem indícios de que viria.

Não se cumpriram as tenebrosas profecias dos quiliastas, que vaticinavam a chegada do Fim com bastante precisão – na segunda-feira após o Dia de Santa Escolástica, em fevereiro de 1420. No entanto, a segunda-feira passou, veio a terça e, em seguida, a quarta-feira – e nada aconteceu. Da mesma forma não vieram o Dia do Castigo e o Dia da Vingança, que precederiam a chegada do Reino de Deus. Embora houvessem se passado mil anos, Satanás não fora solto de sua prisão nem tampouco partira para enganar as nações dos quatro cantos da Terra. Os pecadores do mundo e os inimigos de Deus também não sucumbiram à espada, ao fogo, à fome, ao granizo, aos caninos de uma besta, à picada de um escorpião ou à peçonha de uma víbora. Os fiéis esperaram em vão a chegada do Messias no cume dos montes Tabor, Beránek, Oreb, Sião ou do monte das Oliveiras. As cinco cidades escolhidas – quinq̄ue civitates –, anunciadas por Isaías em sua profecia e denominadas Plzeň, Klatovy, Louny, Slany e Žatec, em vão aguardaram a chegada de Cristo. O mundo não acabou, não foi aniquilado e tampouco se desfez em chamas. Ao menos, não por inteiro.

De todo modo, não se morria de tédio.

Aliás, que ensopado delicioso – espesso, bem temperado e colorido. Fazia séculos que eu não comia um ensopado assim. Agradeço aos gentis senhores a refeição, e a você, cara taberneira, também agradeço. Perguntam-me se aceito uma cerveja? Decerto, aceito, sim. Se mo permitem, aceito de bom grado. Comedamus tandem, et bibamus, cras enim moriemur.*

O fim do mundo não se deu em 1420, e nem mesmo um, dois, três ou quatro anos depois. Tudo corria, por assim dizer, de acordo com a ordem natural. As guerras prosseguiam, as epidemias proliferavam, a mors nigra se alastrava e a fome abundava. Roubava-se e matava-se o próximo, desejava-se sua mulher, e todos se portavam como lobos uns dos outros. De tempos em tempos se organizava um ou outro pequeno pogrom contra os judeus e se acendia uma fogueirinha para os hereges. No entanto, os eventos que de fato atraíam atenção incluíam esqueletos saltitando alegremente pelos cemitérios, a Morte, com sua foice, vagando pela Terra, um incubo que à noite se enfiava entre as coxas trêmulas das donzelas adormecidas, e estriges pou-sando na nuca dos cavaleiros solitários que percorriam os descampados. Estava claro que o Diabo tomava parte nos assuntos mundanos e circulava entre as pessoas, tamquam leo rugiens – como um leão que ruge –, tentando decidir quem devorar primeiro.

Muita gente de estima morreu naquela época. Decerto, igualmente muitos devem ter nascido, mas nas crônicas não se registram as datas de nascimento e absolutamente ninguém se lembra delas, talvez com a exceção das mães, ou nos casos em que um bebê nasce com duas cabeças ou dois pintos. Já no caso da morte... é como se a data fosse gravada em pedra.

Foi então que, em 1421, na segunda-feira após o Domingo da Alegria, João appellatus Aspersório, duque de Piasta e episcopus wloclaviensis, tendo alcançado merecidos sessenta anos, morreu em Opole. Antes de sua morte, havia feito uma doação de seiscentas grivnas em benefício da cidade

* Citação em latim de Isaías 22:13: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos!” (N. da T.)

de Opole. Diz-se que, de acordo com a vontade do moribundo, parte dessa soma foi destinada a um conhecido prostíbulo local, *A Dama Ruiva*. O bispo gaudério gozara dos serviços desse estabelecimento, localizado nos fundos do mosteiro dos Frades Menores, até a chegada da morte – embora já no fim da vida fosse mais um espectador que um participante ativo.

Já no verão de 1422 – não me recordo da data exata –, morreu na localidade de Vincennes o rei Henrique V da Inglaterra, vencedor da batalha de Azincourt. Dois meses depois faleceu o rei Carlos VI, da França, após viver os últimos cinco anos completamente tomado pela loucura. Filho do desvairado, o delfim Carlos exigiu a coroa, mas os ingleses se negaram a reconhecê-lo como rei. Sua própria mãe, a rainha Isabel, o havia declarado bastardo, concebido fora do leito conjugal e com um homem são. E, uma vez que bastardos não ascendem ao trono, um inglês, o pequeno Henrique, filho de Henrique V, tornou-se monarca e soberano legítimo da França ainda aos nove meses de idade. A regência coube então a João de Lancaster, duque de Bedford e tio do jovem monarca. João, junto com a facção dos Borguinhões, conquistara o norte da França e Paris, enquanto o Sul permanecia sob o domínio do delfim Carlos e dos Armagnacs. Entre os dois domínios, os cães ganhavam em meio aos cadáveres que jaziam nos campos de batalha.

Já no Pentecostes de 1423, no castelo de Peníscola, perto de Valência, morreu Pedro de Luna, o papa de Avinhão, um cismático excomungado que, até a morte, se autointitulava Bento XIII, contrariando as resoluções do concílio ecumênico.

Entre os restantes que morreram naquela época, e dos quais me lembro, estava o habsburgo Ernesto de Ferro, duque da Estíria, Caríntia, Carníola, Ístria e Trieste. Também morreu João I de Ratibor, duque em cujas veias corriam combinados o sangue dos Piastas e o dos Premislidas. Venceslau, dux Lubiniensis, morreu ainda jovem; também morto o duque Henrique, que junto com seu irmão João era senhor de Ziębice. Henrique dictus Rum-poldus, duque de Głogów e procônsul da Alta Lusácia, morreu no estrangeiro. Morreu ainda Nicolau Trąba, arcebispo de Gniezno, homem respeitável

e sábio. Em Marienburg morreu Michael Kűchmeister, grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos de Santa Maria de Jerusalém. Morto também Jacó Pęczak, conhecido como Peixe, um moleiro que vivia nas redondezas de Bytom. É fato que este último não gozava da fama e da popularidade dos demais aqui mencionados, mas tinha a vantagem de ter sido conhecido meu e de comigo ter bebido, algo que, infelizmente, não posso dizer sobre aqueles outros.

Houve também grandes acontecimentos na cultura. O inspirado Bernardino de Siena pregava seus sermões, assim como João Cantius e João de Capistrano, ao passo que Jean Gerson e Paweł Włódkowic lecionavam e Cristina de Pisano e Tomás de Kempis escreviam tratados didáticos e morais que transbordavam erudição. Lourenço de Brezova redigia sua magnífica crônica. Andrei Rublev pintava ícones; Tommaso Masaccio e Robert Campin também pintavam. Jan van Eyck, o pintor do rei João III, da Baviera, criava, para a cátedra de São Bavão, em Gante, o retábulo Adoração do cordeiro místico, um belíssimo políptico que agora adorna a capela de Jodocus Vijd. Em Florença, o mestre Pippo Brunelleschi concluía a construção de uma linda cúpula sobre as quatro naves da Catedral de Santa Maria del Fiore. E nós, aqui na Silésia, não ficávamos atrás – na cidade de Nysa, Pedro de Frankenstein encerrava a construção da imponente Igreja de São Jaime. Ela não fica muito longe daqui, está localizada em Milicz, então talvez você devesse visitá-la caso ainda não o tenha feito.

Na cidade de Lida, naquele mesmo ano de 1422, durante o Entrudo, o rei Ladislau II da Polônia, nascido Jagelão da Lituânia, celebrou suas bodas com grande pompa ao desposar Sofia de Halshany, uma virgem de dezessete anos em pleno desabrochar – e mais de meio século mais jovem que ele. Diziam que a donzela era mais reputada por sua beleza que por sua moral, o que, mais tarde, causaria um bocado de problemas. Pois Jagelão, esquecendo-se quase por completo de seu dever de satisfazer a jovem esposa, já no início do verão se lançou em um confronto com os lordes prussianos – ou seja, os cavaleiros teutônicos. Assim, o novo grão-mestre da Ordem, Paul von

Rusdorf, sucessor de Kűchmeister, tŁo logo assumiu o posto, teve de encarar as armas polonesas – e de pronto sentiu todo o poderio delas. Podia nŁo se ouvir nada a respeito do vigor de JagelŁo na alcŁva de SŁfia, mas ele certamente mantinha virilidade suficiente para dar uma bela surra nos teutŁnicos.

Naqueles tempos, o Reino da BoŁmia tambŁm foi palco de importantes acontecimentos. As coisas ali estavam bastante tumultuadas, com muito derramamento de sangue e guerras incessantes. Sobre isso, no entanto, nŁo posso falar nada... Perdoem, senhores, este humilde contador de histŁrias, mas o medo Ł parte da natureza humana, e nŁo foram poucas as ocasiŁes em que minhas palavras imprudentes me trouxeram boas pauladas. Pois vejo, senhores, em seus cafetŁs, o brasŁo polonŁs de NatŁcz e Abdank, e nos seus, nobres tchecos, os galos dos senhores de DobrŁ Voda e as flechas dos cavaleiros de Strakonice... E o senhor, com o semblante soturno, Ł o prŁprio Zettritz, a julgar pela cabeŁa de bisŁo em seu escudo. PorŁm, senhor cavaleiro, nŁo consigo identificar seu tabuleiro de xadrez diagonal nem os grifos. Tampouco se deve excluir a possibilidade de que vocŁ, frade da Ordem de SŁo Francisco, esteja espionando para o Santo OfŁcio. Ao passo que estou quase certo de que vocŁs, irmŁos da Ordem de SŁo Domingos, sŁo de fato delatores. Assim, em companhia tŁo diversificada e internacional, vocŁs podem ver por si mesmos por que nŁo posso soltar uma reles palavra sobre questŁes tchecas, jŁ que nŁo sei quem de vocŁs apoia Alberto e quem respalda o rei e o prŁncipe da PolŁnia. Quem de vocŁs Ł a favor de Meinhard de Hradec e Oldřich de Rořmberk, e quem patrocina Hynce PtŁceŁ de Pirkštejn e Jan Kolda de Źampach. Quem Ł o seguidor do palatino Splytko de Melsztyn e quem Ł partidŁrio do bispo Olešnicki. NŁo tenho o menor desejo de levar uma surra, mas sei que vou apanhar, pois assim costuma ocorrer. “Por quŁ?”, me perguntam vocŁs. Por isto: se eu disser que nos tempos aqui relatados os valentes hussitas tchecos deram uma sova nos alemŁes, transformando em pŁ as trŁs sucessivas cruzadas papais, Ł muito provŁvel que eu, antes mesmo de me dar conta, leve um sopapo de um dos lados. E, caso eu mencione que naqueles tempos os hereges, com a ajuda do prŁprio Diabo, derrotaram os cru-

zados nas batalhas de Witków, Vyšehrad, Žatec e Německý Brod, hei de apanhar do outro grupo. Daí eu preferir me manter em silêncio e, caso eu decida falar algo, hei de fazê-lo com a imparcialidade de um emissário – relatando, como se diz, sine ira et studio, de forma concisa, objetiva e direta, sem acrescentar nenhum comentário.

Assim, direi em breves palavras: no outono de 1420, o rei polonês Jagelão rejeitou a coroa tcheca oferecida pelos hussitas. Decidiu-se, na Cracóvia, que a coroa seria tomada pelo dux Vytautas, da Lituânia, que sempre quisera reinar. No entanto, para não aborrecer Sigismundo, o sacro imperador romano-germânico, nem o próprio papa, enviaram à Boêmia o sobrinho de Vytautas, Sigismundo, filho de Korybut. O jovem, à frente de cinco mil cavaleiros poloneses, chegou a Praga Dourada em 1422, no dia de Santo Estanislau. Mas, já por volta do Dia de Reis do ano seguinte, viu-se o príncipe obrigado a retornar à Lituânia, tão turbulenta se tornara a disputa pela sucessão boêmia entre Sigismundo de Luxemburgo e Oddone Colonna – à época, papa Martinho V. E o que vocês dirão a respeito? Já em 1424, na véspera da Visitação da Virgem, o filho de Korybut encontrava-se novamente em Praga. Dessa vez, contra a vontade de Jagelão e Vytautas e contra os desígnios do papa e do sacro imperador romano-germânico. Ou seja, ali se encontrava como fora da lei e proscrito. Liderando outros foras da lei e proscritos, tais como ele, que então contavam não milhares, mas somente centenas.

Em Praga, no entanto, a revolução, à semelhança de Saturno, devorava seus próprios filhos, e as facções se confrontavam. Jan Želivský, decapitado na segunda-feira após o Domingo de Reminiscere de 1422, em maio daquele ano já era velado em todas as igrejas como mártir. A Praga Dourada, presunçosamente, também se opôs a Tabor, mas logo se defrontou com um rival à altura: o grande guerreiro Jan Žižka. No ano do Senhor de 1424, no segundo dia depois das nonas de junho, nos arredores de Maleszów, à beira do rio Bohynka, Žižka deu uma terrível lição aos praguenses. Depois dessa batalha, muitas mulheres ficaram viúvas e muitas crianças se tornaram órfãs em Praga.

Quem sabe tenham sido as lágrimas dos órfãos que fizeram Jan Žižka de Trocnov – e, mais tarde, de Kalich – morrer logo em seguida, em Přebyslav, nas proximidades da fronteira com a Morávia, na quarta-feira antes do Dia de São Galo. Foi sepultado em Hradec Králové, onde jaz. E, como antes, uns choravam por causa dele, enquanto outros lamentavam sua morte como se lamenta a de um pai. Daí se chamarem então os Órfãos...

Certamente todos vocês se lembram de tais detalhes, uma vez que tudo isso se passou não faz tanto tempo. Ainda assim, soam como... história.

No entanto, sabem os nobres senhores reconhecer um tempo como histórico? É quando muita coisa acontece, e acontece muito rápido.

E naqueles tempos acontecia muito e muito rápido.

Embora o mundo não tenha encontrado seu fim, outras profecias acabaram se confirmando, com grandes guerras e grandes derrotas para os cristãos. E muitos homens padeceram. Era como se o próprio Deus quisesse que a aurora da nova ordem fosse precedida pela destruição da antiga. Parecia que o Apocalipse se aproximava. E que a Besta de Sete Cabeças e Dez Cornos subiria do Abismo. E que a qualquer momento se avistariam os temíveis Quatro Cavaleiros em meio à fumaça dos fogos e aos campos banhados de sangue. Que logo soariam as trombetas e se romperiam os selos. Que o fogo cairia dos céus. Que a Estrela Absinto desabaria sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes de água. E um homem enlouquecido, vendo a pegada dos pés de outro homem sobre a terra em chamas, beijaria esse rastro com lágrimas nos olhos.

Certos momentos eram tão pavorosos que as pessoas – com o perdão da palavra, nobres senhores – se borrravam de medo.

Eram tempos iníquos aqueles. Cruéis. E, se desejarem, senhores, eu os narrarei para assim espantar o tédio enquanto não cessa a chuva que nos mantém nesta taverna.

Contar-lhes-ei, se assim quiserem, sobre a gente que então vivia e sobre aqueles que igualmente viviam, mas que, contrariamente, não eram de modo algum gente. Relatarei como uns e outros batalhavam contra aquilo que aqueles tempos lhes trouxeram. Contra o destino. E contra eles próprios.

Esta história começa de forma doce e agradável, terna e prazenteira – com uma adorável e singela história de amor. Mas não se deixem enganar, nobres senhores.

Não se deixem enganar.

CAPÍTULO I

No qual o leitor conhece Reinmar de Bielau, conhecido como Reynevan, e alguns de seus melhores atributos, incluindo a maestria na *ars amandi*, a destreza nos arcanos da equitação e a erudição sobre o Antigo Testamento, embora não necessariamente nessa ordem. O capítulo fala também sobre a Borgonha, tanto no sentido amplo como no estrito.

Contra o pano de fundo de um céu que se mantinha escuro logo após a tempestade, avistavam-se, da janela aberta na pequena câmara, três torres. A mais próxima era a da prefeitura. Um pouco mais distante estava a torre esguia da Igreja de São João Evangelista, cujas novíssimas telhas vermelhas reluziam ao sol. E atrás dela despontava a torre circular do castelo ducal. Andorinhas sobrevoavam a torre da igreja, assustadas pelo recente badalar dos sinos que agora voltavam a silenciar, ainda que o ar saturado de ozônio parecesse continuar vibrando com o som.

Também nas torres das igrejas de Santa Maria e de Corpus Christi os sinos ressoaram havia pouco. Tais torres, no entanto, não podiam ser avistadas da pequena janela da câmara localizada no sótão de um edifício de madeira, encravada, como um ninho de andorinhas, no complexo da enfermaria e do Mosteiro da Ordem de Santo Agostinho.

Era o momento da sexta, a prece do meio-dia. Os monges entoaram *Deus in adiutorium*, e Reinmar de Bielau, conhecido entre os ami-

gos como Reynevan, beijou a clavícula suada de Adèle von Stercza, soltou-se de seu abraço e deitou junto dela, ofegante, sobre os lençóis ardentes, impregnados de amor.

De trás do muro, da rua do mosteiro ressoavam gritos, o chocalhar das carroças, o estrondo surdo dos barris vazios e o tinir melodioso de potes de cobre e de estanho. Era quarta, dia de feira, que, como de costume, atraía muitos mercadores e compradores a Oleśnica.

*Memento, salutis Auctor
quod nostri quondam corporis,
ex illibata Virgine
nascendo, formam sumpseris.*

*Maria mater gratiae,
mater misericordiae,
tu nos ab hoste protege,
et hora mortis suscipe...¹*

“Já estão cantando o hino”, pensou Reynevan ao mesmo tempo que, com um gesto vagaroso, abraçava Adèle, a esposa do cavaleiro Gelfrad von Stercza, oriunda da distante Borgonha. “Já começou o hino. Custa crer quão rápido passam os momentos de alegria. Desejar-se-ia que durassem para sempre, mas eles se desfazem como um sonho fugaz...”

– Reynevan... *Mon amour*... Meu divino rapaz... – Adèle, ávida e vorazmente, interrompia os devaneios oníricos de Reynevan. Também ela tinha ciência da fugacidade do tempo, mas, ao que parecia, não tinha a intenção de desperdiçá-lo em reflexões filosóficas.

Adèle encontrava-se completa, inteira, totalmente nua.

“Cada terra tem seu costume”, refletia Reynevan. “Como é interessante conhecer o mundo e as pessoas. Por exemplo, as silesianas e

alemãs, na hora do coito, nunca deixam levantar a blusa acima do umbigo. As polonesas e tchecas a levantam por si mesmas e com muito gosto, acima dos seios, mas jamais a tiram por completo. Quanto às borgonhesas, ah, elas arrancam tudo num instante. Aparentemente, seu sangue quente não suporta a pele revestida com qualquer tecido durante o êxtase amoroso. Ah, a alegria que é conhecer o mundo! Deve ser adorável essa terra da Borgonha. Linda a sua paisagem. Suas montanhas elevadas... Morros íngremes... Vales...”

– Ahhh, ahhh, *mon amour* – gemia Adèle von Stercza, estreme-
cendo toda a sua paisagem borgonhesa nas mãos de Reynevan.

Reynevan, a propósito, era um jovem de vinte e três anos que tinha pouca bagagem de vida. Conhecía pouquíssimas tchecas, ainda menos silesianas e alemãs, uma polonesa, uma romena – e, quanto às outras nacionalidades, uma única vez aconteceu de ter levado um fora de uma húngara. Longe de serem impressionantes, suas experiências eróticas, para dizer a verdade, eram bem míseras, em termos tanto de quantidade como de qualidade. Ainda assim, inflavam seu orgulho e sua vaidade. Reynevan, como todo jovem tomado pela testosterona, se considerava um grande sedutor e perito nos assuntos do amor, para quem as mulheres eram um livro aberto. Mas a verdade é que os onze encontros que tivera com Adèle von Stercza até aquele momento instruíram Reynevan na *ars amandi* mais do que os três anos de estudos em Praga. Reynevan, no entanto, não se dava conta de que era Adèle quem o ensinava, convencido que estava de que tudo aquilo se tratava apenas de seu talento nato.

*Ad te levavi oculos meos
qui habitas in caelis.
Ecce sicut oculi servorum
ad manum dominorum suorum.*

*Sicut oculi ancillae in manibus dominae suae
ita oculi nostri ad Dominum Deum nostrum,
Donec misereatur nostri
Miserere nostri Domine...*²

Adèle agarrou Reynevan pela nuca e o puxou para cima de si. Ele, dando-se conta do que deveria fazer, amou-a intensamente e com paixão, e – como se isso fosse pouco – sussurrou em seu ouvido declarações de amor. Ele estava feliz. Muito feliz.

* * *

A felicidade da qual gozava naquele instante devia Reynevan – indiretamente, é claro – aos santos do Senhor. Pois assim havia sucedido:

Ao arrepender-se de certos pecados, conhecidos apenas por ele mesmo e por seu confessor, o cavaleiro silesiano Gelfrad von Stercza prometeu visitar o túmulo sagrado de Santiago. Porém, no início do trajeto, uma mudança de planos: decidiu que Compostela era demasiado longe e que, como Santo Egídio também tinha lá o seu valor, uma peregrinação até Saint-Gilles bastaria para purgá-lo. Contudo, tampouco estava Gelfrad destinado a alcançar essa cidade. Conseguiu chegar apenas a Dijon, onde por puro acaso deu com uma borgonhesa que contava então dezesseis anos, a bela Adèle de Beauvoisin. Esta, por quem Gelfrad de pronto perdeu a cabeça, era órfã e tinha dois irmãos vagabundos e malcriados que, sem pestanejar, ofereceram a mão da irmã ao cavaleiro silesiano. Ainda que achassem que a Silésia se situava em algum ponto entre os rios Tigre e Eufrates, os irmãos enxergaram em Stercza o cunhado ideal, uma vez que ele não fazia muito caso a respeito do dote. Dessa forma a borgonhesa acabou indo parar em Heinrichsdorf, um vilarejo próximo de Ziębice que fora concedido a Gelfrad. E foi em Ziębice que Adèle, agora von Stercza, cativou o olhar de Reinmar de Bielau – e vice-versa.

– Aaaaah! – berrava Adèle von Stercza, entrelaçando as pernas nas costas de Reynevan. – Aaaaa-aaah!

E jamais tais gemidos teriam sido assim vocalizados – e nada além de olhares discretos e gestos furtivos teria o casal trocado entre si –, não fosse por um terceiro santo, nomeadamente, Jorge. Pois foi no dia de São Jorge que Gelfrad von Stercza, entre muitos outros, fez seu juramento e juntou-se, em setembro de 1422, a mais uma cruzada anti-hussita organizada pelo príncipe-eleitor de Brandemburgo e pelos margraves de Mísnia. Naquela época os cruzados não tiveram grandes êxitos – adentraram a Boêmia e de lá saíram às pressas, não se arriscando a travar um mísero combatezinho contra os hussitas. Embora não tenham ocorrido confrontos, vítimas houve – uma delas sendo o próprio Gelfrad, que fraturou a perna com certa gravidade ao cair do cavalo e, pelo que se podia deduzir das cartas enviadas à família, ainda se recuperava em algum ponto de Pleissenland. E assim Adèle – a esposa abandonada –, que à época vivia com a família do marido em Bierutów, podia se encontrar despreocupadamente com Reynevan na camarazinha localizada no complexo do Mosteiro da Ordem de Santo Agostinho, nas proximidades do sanatório junto ao qual Reynevan mantinha seu laboratório.

* * *

Os monges na Igreja de Corpus Christi começaram a cantar o segundo dos três salmos previstos para a sexta. “Precisamos nos apressar”, pensou Reynevan. “Na altura do *capitulum*, no mais tardar durante o *Kyrie*, e nem um instante depois, Adèle precisa desaparecer do sanatório. Ninguém pode vê-la aqui.”

*Benedictus Dominus
qui non dedit nos*

in captionem dentibus eorum.
Anima nostra sicut passer erepta est
de laqueo venantium...

Reynevan beijou os quadris de Adèle. Em seguida, motivado pelo canto monástico, inspirou com força o ar e mergulhou no odor de flores de hena e nardo, de açafão, cana-de-açúcar e canela, de mirra e aloé, e de quaisquer outras juncáceas. Adèle, tesa, estendeu as mãos e encravou os dedos nos cabelos dele, estribando suas iniciativas bíblicas com suaves movimentos dos quadris.

– Oh, oooooh... *Mon amour... Mon magicien...* Meu menino divino... Feiticeiro...

Qui confidunt in Domino, sicut mons Sion
non commovebitur in aeternum,
qui habitat in Hierusalem...

“Já é o terceiro salmo”, pensou Reynevan. “Quão efêmeros são os instantes de felicidade...”

– *Revertere* – murmurou ele enquanto se ajoelhava. – Vire-se, vire-se, Sulamita.

Adèle virou-se, pôs-se de joelhos e se reclinou, agarrando com força as tábuas de tília da cabeceira, apresentando a Reynevan toda a deslumbrante beleza de seu reverso. “Vênus Calipígia”, pensou ele enquanto ia em sua direção. A associação com a imagem da antiguidade e a visão erótica fizeram-no aproximar-se dela como se ele fosse o já referido São Jorge, atacando com a lança em riste o dragão de Silena. Ajoelhado atrás de Adèle como o rei Salomão atrás do trono de cedro do Líbano, agarrou com ambas as mãos as vinhas de Engaddi dela.

– Oh, minha amada – suspirou, debruçando-se sobre a formosa nuca da senhora como a torre de Davi. – Eu a comparo à égua das carruagens do faraó.

E comparou. Adèle soltou um grito entre os dentes cerrados. E Reynevan lentamente deslizou as mãos ao longo dos flancos dela, molhados de suor, escalando a palmeira para se apoderar dos ramos carregados de frutos. A borgonhesa lançou a cabeça para trás tal qual uma égua antes de saltar um obstáculo.

*Quia non relinquet Dominus virgam peccatorum,
super sortem iustorum
ut non extendant iusti
ad iniquitatem manus suas...*

Os seios de Adèle saltavam sob a mão de Reynevan como dois cabritos, como gazelas gêmeas. Ele então pôs a outra mão debaixo do pomar de romãzeiras dela.

– *Duo... ubera tua – gemia ele – sicut duo... hinuli capreae gemelli... qui pascuntur... in liliis... Umbilicus tuus crater... tornatilis numquam... indigens poculis... Venter tuus... sicut acervus... tritici vallatus liliis...*

– Ah... aaaah... aaah... – respondia a borgonhesa, que desconhecia o latim.

*Gloria Patri, et Filio et Spiritui sancto.
Sicut erat in principio, et nunc, et semper
et in saecula saeculorum, Amen.
Alleluia!*

Os monges cantavam. E Reynevan, que beijava a nuca de Adèle von Stercza, desvairado, enlouquecido, como se escalasse as montanhas e atravessasse as colinas, *saliens in montibus, transiliens colles*, tal qual um jovem cervo nos montes de bálsamo. *Super montes aromatum.*

* * *

A porta, ao ser arrombada com um golpe, abriu-se com um ímpeto e um estrondo tamanhos que um pedaço do batente da porta saiu voando pela janela tal qual um meteoro. E Adèle soltou um grito agudo e arrepiante enquanto os irmãos von Stercza entravam correndo na câmara. Estava claro que não se tratava de uma visita cordial.

Reynevan saiu rolando da cama, agora a única barreira a separá-lo dos intrusos, apanhou sua roupa e pôs-se a vestir-se apressadamente. Conseguiu fazê-lo quase por completo, mas apenas porque os irmãos Stercza se ocupavam em atacar primeiro a cunhada.

– Sua vagabunda! – bramiu Morold von Stercza, o mais jovem deles, arrastando da cama uma Adèle nua em pelo. – Sua vagabunda de merda!

– Sua puta ordinária! – complementou Wittich, o irmão mais velho.

Wolfher, o mais velho dos irmãos von Stercza depois de Gelfrad, nem sequer conseguiu abrir a boca, pois sua fúria era tamanha que lhe faltavam palavras para expressá-la. Então ergueu a mão e com ela deu um forte tapa na cara de Adèle. A borgonhesa gritou, e Wolfher repetiu o golpe, dessa vez com o dorso da mão.

– Não se atreva a bater nela, Stercza! – berrou Reynevan, mas sua voz vacilava e estremecia com medo e um sentimento paralisante de impotência, causados por estarem suas calças ainda à altura dos joelhos. – Não se atreva, está me ouvindo?

O grito surtiu efeito, embora não o esperado. Wolfher e Wittich, esquecendo-se por um instante da cunhada adúltera, avançaram rumo a Reynevan e sobre ele despejaram uma avalanche de murros e pontapés. O rapaz encolheu-se sob os golpes, porém, em vez de se defender ou proteger-se do ataque, teimava em vestir as calças, como se elas fossem algum tipo de armadura mágica, capaz de resguardá-lo e poupá-lo das contusões, uma couraça enfeitada de Astolfo ou de Amadís de Gaula. Ainda assim, pelo canto do olho notou que Wittich se preparava para sacar uma faca. Adèle berrou.

– Não! – Wolfher rosou para o irmão. – Não aqui!

Reynevan conseguiu se erguer, apoiando-se sobre os joelhos. Wittich, com o rosto pálido de raiva, avançou até o rapaz e lhe deu um soco que no mesmo momento o lançou de volta ao chão. Adèle soltou um grito penetrante que só foi interrompido quando Morold novamente a estapeou e puxou seu cabelo.

– Não se atrevam... – gemia Reynevan – ... a bater nela, seus canalhas!

– Seu filho da puta! – berrou Wittich. – Espere aí!

Wittich saltou até Reynevan e o socou e o chutou, uma, duas vezes. Na terceira, foi contido por Wolfher.

– Aqui não – repetiu Wolfher com calma, mas uma calma nefasta. – Carreguem-no até o pátio. Vamos levá-lo para Bierutów. Essa puta também.

– Sou inocente! – bramava Adèle von Stercza. – Ele me seduziu! Me enfeitiçou! É um feiticeiro! *Le sorcier! Le diab...*

Morold a pôs quieta com um golpe.

– Cale-se, égua – rosou ele. – Você logo terá a oportunidade de gritar. Espere só um pouquinho.

– Não se atrevam a bater nela! – esbravejou Reynevan.

– Você também, galozinho, terá sua chance de gritar – acrescentou Wolfher, com sua pernicioso tranquilidade. – Andem, levem-no para fora.

Para sair do sótão era preciso descer uma escada bastante íngreme. Então os irmãos Stercza empurraram Reynevan, que rolou pelos degraus até chegar ao chão, derrubando no trajeto uma parte da balaustrada de madeira. Antes que conseguisse se levantar, o pegaram outra vez e o arremessaram no pátio, sobre a areia ornamentada com pilhas vaporosas de esterco de cavalo.

– Ora, ora... – disse o garoto que segurava os cavalos, Niklas von Stercza, o mais novo dos irmãos. – Vejam quem resolveu aparecer. Seria mesmo Reinmar de Bielau?

– O douto sabichão Bielau – resmungou Jencz von Knobelsdorf, conhecido como Bufo, compadre e parente dos Stercza.

– O sabichão linguarudo Bielau! – complementou ainda Bufo, pondo-se diante de Reynevan, que por sua vez tentava desajeitadamente se levantar da areia.

– Poeta de meia-tigela – acrescentou Dieter Haxt, outro amigo da família. – Abelardo de merda!

– E, para provar a ele que somos igualmente doutos – disse Wolfher enquanto descia a escada –, faremos com ele o mesmo que fizeram com Abelardo quando o pegaram com Heloísa de Argenteuil. Exatamente a mesma coisa. E então, Bielau? Como lhe soa a ideia de se tornar um capão?

– Vá se foder, Stercza.

– O quê? O quê?! – Embora parecesse impossível, Wolfher von Stercza empalideceu ainda mais. – O galozinho ainda se atreve a abrir o bico? A cantar? Jencz, me passe o açoite!

– Não se atreva a encostar nele! – berrou de súbito Adèle, agora já vestida, embora não por completo, enquanto era escoltada na descida da escada. – Não se atreva! Caso contrário, contarei a todos quem é você de verdade! Que você mesmo já me cortejou, passou as mãos em meu corpo, tentou me seduzir e me instigar à libidinagem! Pelas costas do seu próprio irmão! Que você mesmo jurou se vingar quando não correspon-di a suas investidas! É por isso que agora você está tão... tão...

Adèle não conseguiu encontrar a palavra certa em alemão, e assim a tirada foi por água abaixo. Wolfher apenas riu.

– Até parece! – ironizou. – Você acha mesmo que alguém vai dar ouvidos a uma rameira francesa, uma devassa? Bufo, passe-me o açoite!

De súbito, o pátio tornou-se mais escuro, com uma profusão de frades agostinianos em hábitos.

– O que se passa aqui? – berrou o vetusto prior Erasmo Steinkeller, um velhinho magro e descorado. – O que fazem, cristãos?

– Deem o fora daqui! – gritou Wolfher, estalando o açoite. – Fora, cabeças-rapadas, fora daqui! Voltem para o breviário, voltem a rezar! Não se metam nos assuntos de cavaleiros! Caso contrário, vão se arrepender, seus saias-pretas!

– Senhor – disse o prior, unindo as mãos cobertas de manchas escuras –, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem. *In nomine Patris, et Filii...*

– Morold! Wittich! – rosnou Wolfher. – Tragam a vagabunda para cá! Jencz, Dieter, prendam o Abelardo!

– E que tal – interveio, franzindo o cenho, Stefan Rotkirch, mais um amigo da família, que até então permanecera calado – se nós o arrastássemos um pouco atrás do cavalo?

– Pode ser. Mas antes vamos açoitá-lo!

Açou a mão para com o açoite golpear Reynevan – que por sua vez permanecia deitado –, mas não o atingiu, pois o irmão Inocente segurava seu braço. O irmão Inocente exibia altura e constituição imponentes, notáveis apesar da corcunda monacal de humildade. Imobilizou o braço de Wolfher de tal modo que o aperto de seu punho parecia o de um torno.

Stercza soltou um palavrão obsceno, livrou-se do frade e o empurrou com força. Mas poderia ter empurrado até a torre de menagem do castelo de Oleśnica, que fosse, e o efeito teria sido o mesmo. O irmão Inocente, alcunhado por seus confrades de “irmão Insolente”, não retrocedeu um milímetro. E devolveu-lhe o empurrão com tamanha força que Wolfher atravessou voando metade do pátio até aterrissar numa pilha de estrume.

Por um instante, tudo ficou em silêncio. Então todo o bando dos Stercza se lançou contra o frade grandalhão. Bufo, o primeiro a atacá-lo, levou um murro nos dentes e rolou sobre a areia. Morold von Stercza levou um safanão ao pé do ouvido que o fez sair tropeçando para o lado, com o olhar perdido. Os demais cercaram o agostiniano

como formigas, e a enorme silhueta de hábito negro desapareceu por completo debaixo da enxurrada de socos e pontapés. O irmão Insolente, mesmo sob um ataque massivo, retribuiu os golpes em igual medida e de uma forma bem pouco cristã, contrariando por completo a regra da humildade de Santo Agostinho.

O velho prior se enervou diante da cena. Enrubescou como uma cereja, rugiu como um leão e se lançou no meio do turbilhão da batalha, manejando, à esquerda e à direita, um crucifixo de jacarandá com o qual distribuía pancadas mordazes.

– *Pax!* – berrava ele ao desferir os golpes. – *Pax! Vobiscum!* Ama o teu próximo! *Proximum tuum! Sicut te ipsum!* Filhos da puta!

Dieter Haxt lhe deu um soco. As pernas do velhinho se ergueram rumo ao céu enquanto ele caía para trás, suas sandálias soltas perfazendo trajetórias pitorescas em pleno ar. Os agostinianos começaram a gritar. Alguns não resistiram à tentação e se lançaram ao combate. O pátio estava tomado pelo alvoroço.

Wolfher von Stercza, empurrado para fora do turbilhão, desembainhou seu gládio e começou a brandi-lo – um derramamento de sangue parecia iminente. Mas Reynevan, que já tinha conseguido se levantar, golpeou-o na nuca com o cabo do chicote que ele havia apanhado do chão. Stercza, então, agarrou a cabeça dele e se virou, mas o movimento serviu apenas para que Reynevan acertasse seu rosto com o chicote. Wolfher caiu. E Reynevan saiu em disparada na direção dos cavalos.

– Aqui, Adèle! Venha comigo!

Adèle não esboçou um movimento sequer, e a indiferença estampada em seu rosto chamava a atenção. Reynevan, num salto, já estava montado na sela. O cavalo relinchava e sacudia.

– Adèèèèè!

Morold, Wittich, Haxt e Bufo saíram correndo atrás dele. Reynevan fez o cavalo dar meia-volta, então assobiou com força e se lançou a galope rumo ao portão.

– Atrás dele! – berrou Wolfher von Stercza. – Peguem seus cavalos e vão agora mesmo atrás dele!

A ideia inicial de Reynevan era fugir pelo portão de Santa Maria para fora da cidade, rumo à floresta de Spahlitz. No entanto, descobriu que a rua das Vacas, que levava ao portão, estava completamente interdita por carroças. Além disso, o cavalo, arredio e assustado com os gritos de um ginete desconhecido, demonstrava muita iniciativa própria. Assim, antes que Reynevan se desse conta, galopava freneticamente na direção da Praça do Mercado, espalhando lama e fazendo os transeuntes saltarem para os lados para lhe dar passagem. Reynevan nem precisava olhar para trás para saber que os outros vinham no seu encalço. Bastava ouvir o retumbar dos cascos, o relinchar dos cavalos, os berros selvagens dos Stercza e os gritos raivosos dos atropelados.

Decidiu, então, usar seus calcanhares para instigar o cavalo. Em disparada, atropelou o padeiro, que carregava um grande cesto. Uma chuva de pães, roscas e *croissants* despencou sobre a lama e, nem bem tinham chegado ao chão, os produtos foram todos pisoteados pelos cavalos dos Stercza. Reynevan nem sequer olhou para trás, pois estava mais preocupado com o que havia à sua frente. Bem diante de seus olhos surgia uma carroça que levava uma enorme pilha de gravetos. A carroça obstruía quase totalmente a ruela, enquanto os poucos espaços restantes estavam tomados por crianças seminuas agachadas ao redor do coche, entretidas em cavar o esterco em busca de algo extremamente interessante.

– Agora pegamos você, Bielau! – berrou Wolfher von Stercza, que vinha atrás dele, ao perceber o obstáculo no caminho.

O cavalo do fugitivo vinha tão rápido que não havia meio de freá-lo. Então Reynevan reclinou-se sobre a crina do corcel e apenas cerrou os olhos, o que lhe impossibilitou observar as crianças seminuas dissipando-se pela rua com a agilidade e a elegância de um bando de ratos. Ele tampouco olhava para trás, por isso igualmente não pôde testemunhar

um homem trajando samarra virar-se e, assustado, tentar de súbito manobrar a carroça. E assim também deixou de divisar os Stercza se chocando contra o coche atravessado e Jencz von Knobelsdorf voando da sela e derrubando sobre si metade dos gravetos.

Reynevan vinha a toda velocidade pela rua São João, por entre a sede da prefeitura e a casa do prefeito, e assim adentrou a enorme Praça do Mercado de Oleśnica, que estava repleta de gente. Irrompeu-se um pandemônio. Dirigindo-se para a frontaria meridional e para o alargado quadrilátero da torre, visível sobre o portão de Oława, Reynevan galopava em disparada em meio a pessoas, cavalos, bois, porcos, carroças e bancas, deixando atrás de si um rastro de caos. As pessoas berravam, uivavam e maldiziam, o gado mugia e os porcos guinchavam, ao mesmo tempo que bancas e tabuleiros tombados faziam chover todo tipo de utensílios e produtos – panelas, tigelas, cuias, enxadas, peles de ovelha, chapéus de feltro, colheres de tília, velas de sebo bovino, alpargatas de floema e galos de barro que vinham com um apito. Também despencavam de todos os lados produtos alimentícios – ovos, queijos, assados, grãos, cenouras, nabos, cebolas e até mesmo lagostins. Em meio às nuvens de penas ouviam-se os mais variados tipos de grasnar. Para completar a confusão, os Stercza, igualmente desenfreados, vinham imediatamente atrás, destruindo o que havia restado ileso.

O cavalo de Reynevan, assustado com um ganso que passara voando rente à sua fuça, escoiceou antes de se chocar com uma banca de peixes, destroçando as caixas e fazendo tombar os barris. O pescador, enfurecido, arremessou com força seu xalavar, errando Reynevan, mas acertando a garupa do cavalo. O equino relinchou e saltou para o lado, derrubando o tabuleiro de uma vendedora de linhas e fitas. Mantive-se ali por alguns instantes, sapateando sem sair do lugar, chapinhando a massa prateada e fedorenta composta de baratas, bremsas e carpas, salpicada com uma profusão feérica de carretéis multicoloridos. Foi apenas por um milagre que Reynevan não caiu. Com o canto do olho,

viu a mercadora das linhas, que agora empunhava um enorme machado, correr até ele. (Sabe Deus qual podia ser a utilidade de tal objeto no comércio de armarinhos.) Depois de cuspir algumas penas de ganso que tinham grudado em seus lábios, Reynevan enfim conseguiu controlar o cavalo e assim galopou pela ruela do açougue, que, como sabia, ficava bem próxima do portão de Oława.

– Vou cortar seu saco fora, Bielau! – Wolfher von Stercza berrava atrás dele. – Vou arrancá-lo e enfiar seus bagos em sua garganta!

– Vá se ferrar! – respondeu o fugitivo.

Restavam apenas quatro perseguidores: Rotkirch acabara de ser derrubado da sela e levava uma sova de alguns comerciantes enfurecidos na praça.

Reynevan ia em disparada, como uma flecha, ao longo de uma fileira de carcaças penduradas pelas patas. Os açougueiros se esquivavam assustados. Mesmo assim, atingiu um deles, que trazia no ombro um enorme coxão bovino. O atropelado desabou junto com o corte de carne e caiu sob os cascos do cavalo de Wittich, que empinou com o susto. Wolfher, que vinha atrás com sua montaria, chocou-se com ele. Wittich caiu da sela direto na banca de carnes, enfiando o nariz nos fígados, pulmões e rins, e em seguida ainda amorteceu a queda de Wolfher, que desabou sobre ele. Seu pé ficara preso no estribo e, antes que pudesse se soltar, foi derrubando boa parte dos tabuleiros de carne e enchafurdando-se, dos pés à cabeça, em lama e sangue.

No último instante, Reynevan de súbito debruçou-se sobre a nuca do cavalo e assim conseguiu passar debaixo da placa de madeira com o desenho de uma cabeça de porco. Dieter Haxt, que vinha logo atrás dele, não teve o mesmo reflexo. A tábua com a pintura do leitãozinho sorridente fez um estrondo quando o cavaleiro a atingiu em cheio com a testa. Dieter caiu da montaria e desabou sobre uma pilha de miúdos, espantando um bando de gatos que se reunia ao redor. Reynevan olhou para trás. Agora, de seus perseguidores restava apenas Niklas.

Em seu galope desembestado, Reynevan deixou para trás o beco dos açougueiros e seguiu a toda velocidade rumo à pequena praça onde trabalhavam os curtidores. Ao deparar com um varal de couros molhados bem à sua frente, instigou o animal a saltar. O cavalo saltou. E Reynevan não caiu – mais uma vez, por puro milagre.

Niklas não teve tanta sorte. Seu cavalo tentou frear bruscamente diante do varal, mas, patinando sobre lama, pedaços de carne e restos de gordura, chocou-se contra ele. O mais jovem dos Stercza, arremessado de sua sela, fez um sobrevoo por cima da cabeça do cavalo, com resultados bastante infelizes. Niklas caiu sobre uma foice usada para raspar do couro os restos de carne e gordura, que os curtidores haviam deixado ali, recostada no varal, e que se lhe encravou na virilha e na barriga.

Niklas, a princípio, nem tinha se dado conta do que se passara. Num ímpeto, levantou-se do chão, montou o cavalo e, só depois de este relinchar e recuar, sentiu as pernas bambas e os joelhos cederem. Ainda sem saber o que havia acontecido, o Stercza mais novo foi arrastado pela lama atrás do cavalo, que seguia recuando e relinchando, em pânico. Por fim, soltou as rédeas e tentou se levantar. Só então percebeu que havia algo errado e resolveu voltar os olhos para baixo. Então viu sua barriga.

E gritou.

Caiu de joelhos no meio de uma poça de sangue que rapidamente se alargava.

Veio Dieter Haxt, que freou seu cavalo e saltou da sela. Em seguida chegaram Wolfher e Wittich von Stercza, que fizeram o mesmo.

Niklas sentou-se pesadamente. Outra vez olhou para a barriga. Então soltou um grito e debulhou-se em lágrimas e soluços. Sua vista começava a embaçar. O sangue que jorrava de sua barriga se misturava com o dos bovinos e suínos ali abatidos naquela mesma manhã.

– Niklaas!

Niklas von Stercza tossiu e se engasgou. E morreu.

– Você está morto, Reynevan de Bielau! – bramiu Wolfher von Stercza, pálido de raiva, na direção do portão. – Vou achá-lo, matá-lo, destruí-lo, acabar com a sua raça, com você e com toda a sua família de víboras, está me ouvindo?

Reynevan não ouviu. Em meio ao som retumbante produzido pela batida dos cascos do cavalo sobre as tábuas de madeira da ponte, ele deixava para trás Oleśnica e galopava em disparada rumo ao sul, na direção da estrada para a Breslávia.